



Editorial

O número 19 da Rebeca – Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual traz o segundo volume do dossiê *Cinemas e audiovisualidades queer/kuir/cuir no Brasil e na América Latina*, editado por Alessandra Brandão e Dieison Marconi, com um conjunto de artigos que reafirmam a consistência e a pertinência dos estudos situados na interface entre cinema e teoria *queer/kuir/cuir*. Para além, e não menos importante, reafirmam também a potência das existências dissidentes de gênero e sexualidade *apesar de tudo*, para utilizar uma imagem evocada por Georges Didi-Huberman que parece tão significativa no presente.

A Rebeca traz também seis artigos na seção de **Temáticas livres**. O primeiro, *La erotización del nazismo en el cine de autor italiano. Un acercamiento al ciclo sadiconazista a partir de “Il portiere di notte” (Cavani, 1974)*, de Natalio Pagés, trata da produção de imagens fascinantes na iconografia sobre o nazismo, detendo-se em obras italianas da década de 1970 que compõem o chamado “ciclo sadiconazi” e, mais especificamente, no filme *O porteiro da noite (Il portiere di notte)*, dirigido pela cineasta italiana Liliana Cavani. Na sequência, o artigo *O par Índio/Presidente da República no Brasil*, de Roberval de Jesus Leone dos Santos, aporta contribuições da antropologia política à análise audiovisual para tratar de um vídeo que mostra o atual presidente do Brasil em conversa com líderes indígenas no Palácio do Planalto.

O terceiro trabalho da seção de Temáticas livres é *Intrigas políticas, tramas escópicas: Eastwood, De Palma e as artimanhas do poder*, de Luiz Carlos Oliveira Junior, que apresenta uma análise comparativa dos filmes *Poder absoluto* (1997), de Clint Eastwood, e *Olhos de serpente* (1998), de Brian de Palma, abordando os modos como cada obra propõe reflexões sobre o olhar, o ponto de vista e a dimensão política dos atos de observar e vigiar, e mostrando como os filmes desenvolvem noções distintas sobre a conspiração política. Já em *Saint Laurent e a cultura das mídias: notas sobre a abordagem fílmica de Bonello*, Solange Wajnman baseia-se em autores como Hans Ulrich Gumbrecht e Walter Benjamin para analisar o filme *Saint Laurent*, de Bertrand Bonello, e defende a existência de uma lógica de inspiração intermediária que cruza ficção e não-ficção, arte e cultura de massas, masculino e feminino e diversas mídias, como vídeo, fotografia, pintura, desenho e ópera.

No quinto artigo da seção, *Sobre o “cinema violento” e seus manifestos esquecidos*, Leonardo Esteves retoma um número da extinta revista *Opus international*, publicado em junho de 1968, com um dossiê sobre a violência, relê os *Quatre manifestes pour un cinéma violent*, que integram o dossiê, e volta aos filmes dos diretores que assinam os manifestos – Philippe Garrel, Patrick Deval, Serge Bard e Daniel Pommereulle – para



investigar a origem e o significado do “cinema violento”. Encerra a seção de Temáticas livres o artigo *Uma vez mais: de volta aos debates sobre cinema e ideologia*, de Maria Alzuguir Gutierrez, que recupera debates sobre as relações entre cinema e ideologia que se deram em publicações francesas como *Cahiers du Cinéma* e *Cinéthique*, na virada da década de 1960 para 1970, bem como escritos recentes de Jean-Louis Comolli, para discutir a importância e a atualidade da “teoria do dispositivo”.

Esse número da Rebeca apresenta também a **Entrevista** *Otoniel Santos Pereira, cineasta, jornalista, poeta: Invenção e Resistência*, conduzida por André de Paula Eduardo e Felipe Abramovitz. A entrevista aborda a trajetória pessoal e profissional de Otoniel Santos Pereira, dos primeiros contatos com o jornalismo e o cinema, ainda adolescente no interior de São Paulo, aos filmes dirigidos durante a ditadura militar e o convívio e parcerias com nomes ligados ao Cinema Marginal e ao Cinema de Invenção brasileiros, como Rogério Sganzerla, Andrea Tonacci e Carlos Reichenbach.

A Rebeca apresenta ainda mais dois trabalhos na seção **Resenhas e Traduções**. Um deles é o texto *A luz no cinema*, do francês Fabrice Revault d’Allonnes, publicado originalmente como capítulo do livro *La lumière au cinéma* (1991). Trata-se de material inédito no Brasil, traduzido por Antoine d’Artemare e Bruna Freitas, que aporta contribuição fundamental aos estudos de direção de fotografia, abordando a questão da iluminação de modo não meramente técnico, mas também estético e histórico. Fecha o número 19 da Rebeca o texto *Um filme é toda a nossa vida: resenha de A metafísica da cinefilia*, de Yves São Paulo. Nele, a autora Hanna Cláudia Freitas Rodrigues aborda o modo como Yves São Paulo explora, em seu livro recém-publicado, a cinefilia como emoção partindo das contribuições do filósofo francês Henri Bergson.

A seção **Fora de Quadro** traz o texto *Edgard Navarro e o escracho da história*, de Geraldo Blay Roizman, que aborda o filme *O Rei do cagaço*, situado no ciclo superoitoista brasileiro dos anos de 1970, e que, no caso de Navarro, traz como elemento central a experimentação de linguagem associada ao desejo de fazer frente ao comportamento social “respeitável”. Roizman aponta as relações entre a explosão da tensão entre forças conservadoras e libertárias no contexto da ditadura brasileira e a produção do cineasta, que investe no escracho e no que o autor chama de “gestos corpóreos subversivos”, originando uma obra fílmica de forte teor político.

A partir do seu próximo número, a Rebeca terá algumas novidades. Uma delas é a composição de um grupo de editores que assumirá a revista, formado por pessoas com



extensa trajetória na Socine e no campo dos estudos de cinema no Brasil, e que atuam em três diferentes regiões do país: Luiza Alvim, Marcelo Ribeiro, Miriam Rossini e Patrícia Machado. O trabalho da revista se tornará coletivo e descentralizado e o objetivo é que a pluralidade de olhares contribua para o aprimoramento da Rebeca e o redirecionamento da revista frente às mudanças que se impõem no contexto dos periódicos científicos nacionais. Me despeço do cargo de editora da Rebeca agradecendo a Luiza, Marcelo, Miriam e Patrícia pela disponibilidade e cuidado com a revista e desejando que tenham energia para conduzir da melhor forma possível as mudanças pelas quais a nossa querida Rebeca deverá passar. Agradeço também à diretoria da Socine pela confiança nesse tempo de trabalho à frente da publicação e especialmente a Thayse Madella, secretária da Rebeca, pelo auxílio absolutamente indispensável nas demandas cotidianas da revista.

Gabriela Almeida